

## Pressupostos pedagógicos da Educação a Distância: conhecendo as bases

-----  
*Presupposed pedagogic of the Distance Education: knowing the bases*

-----  
*Presupuestos pedagógicos de la Educación a Distancia: conociendo las bases*

Gabrielle Maia <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho consiste na pesquisa bibliográfica das diversas teorias da Pedagogia que lançam base aos modelos utilizados na Educação a Distância apresentando assim os seus principais teóricos e pensamentos. Ao falarmos em Educação a Distância (EAD), ainda que no século XXI as tecnologias façam parte da vida cotidiana e a impregne de sentidos, não é difícil encontrar pessoas que desacreditem da qualidade deste ensino, seja pelo simples fato de desconhecerem as incontáveis vantagens que a modalidade oferece ou mesmo pela má impressão causada pela massificação da educação, vendida em larga escala e sem a devida preocupação com o que realmente se propõe. Faz-se necessário então, conhecer seus pressupostos pedagógicos para garantir assim a qualidade do ensino.

**Palavras-chave:** Pressupostos pedagógicos. Educação a Distância. Pedagogia.

---

**Abstract:** *The present work consists of the bibliographical research of the several theories of the pedagogy that throw base to the models used in the distance education presenting as their main ones theoretical and thoughts. When speaking in distance education (DE), although in the century XXI the technologies are part of the daily life and impregnate it senses, it is not difficult to find people to discredit of the quality of this teaching, being for the simple fact of they dont know the countless advantages that DE offers or even for the bad impression caused by the large aggregate of education, sold in wide climbs and without the due concern with what intends really. It is done necessary then, to know the pedagogic presuppositions of DE to guarantee in this case the quality of the teaching.*

**Keywords:** *Presupposed pedagogic.Distance Education. Pedagogy.*

---

**Resumen:** *El presente trabajo consiste en la investigación bibliográfica de las diversas teorías de la pedagogía que lanzan base a los modelos utilizados en la educación a distancia, presentando así sus principales teóricos y pensamientos. Al tratar de Educación a Distancia (EAD), aunque en el siglo XXI las tecnologías forman parte de la vida cotidiana y la impregnan de sentido, no es difícil encontrar a personas que descreen de la calidad de esa enseñanza, sea por el simple hecho del desconocimiento de las incontables ventajas que la EAD ofrece, o mismo por la mala impresión causada por la masificación de la educación, vendida en amplia escala y sin la debida preocupación con lo que de hecho se propone. Se hace necesario, entonces, que se conozcan los presupuestos pedagógicos de la EAD para que se garantice así la calidad de la enseñanza.*

---

**Palabras-chave:** *Presupuestos pedagógicos. Educación a distancia. Pedagogía.*

---

<sup>1</sup> Especialista em Docência e Tutoria em EAD – Unit, Inovações em Práticas Pedagógicas - FAMA e Docência na Educação Profissional e Tecnológica – SENAI CETIQT / RJ. Auxilia a coordenação acadêmica na Universidade Norte de Paraná (Unopar) em Aracaju. Áreas de estudo: EAD, Educação Profissional Tecnológica. lottusmaia@gmail.com

## Introdução

Ao longo das décadas é possível acompanhar a evolução da EAD e perceber que a mesma está diretamente ligada aos avanços das tecnologias da informação e comunicação (TIC) inseridas no contexto social, político e cultural que surgiram. Aliado a isso, a Pedagogia que é praticada na sala de aula presencial e também passa por constantes mudanças faz suas contribuições para o desenvolvimento da educação online.

As novas demandas oriundas do uso dessas tecnologias na educação, afetou consideravelmente a maneira de ensinar e aprender, exigindo dos autores do processo nova postura para evitarmos que os programas de EAD se resumam em implantar AVA (Ambientes Virtuais de Aprendizagem), criar cursos pré-fabricados e preparar instrutores para animar as salas online com o “apostilamento” do saber.

Nesse sentido, a Pedagogia precisa ser discutida, estudada e analisada também sob a ótica da EAD, pois a maneira como os pressupostos pedagógicos são valorizados definem o nível de priorização do diálogo, interação e construção do conhecimento planejados no ISD (Instrucional System Designer) de um curso a distância. Para Maia (2016) a complexidade envolvida no processo de ensino a distância precisa ser levada em consideração na concepção dos programas dessa modalidade.

Apesar de alguns autores como a Doutora em Educação e estudiosa do uso das tecnologias na mesma, Vani Moreira Kenski, defenderem a educação simplesmente como educação, processo formativo educativo, sem a necessidade de adjetiva-lo como modalidade (Kenski, 2016) considera-se importante entender às características inerentes à EAD, que a diferencia e a aproxima da escola “tradicional” necessitando assim tratá-la como uma modalidade de ensino o que auxilia a entender melhor essas congruências.

Segundo a Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) as características mais importantes da EAD para os aprendizes são a possibilidade de focar no que deseja aprender, encontrar o próprio ritmo e tema de interesse, utilizar variados meios de aprendizagem e valorizar o conhecimento prévio do aluno (ABED, 2015). Essas características são marcas registradas da EAD e conforme dito anteriormente, o conhecimento sobre os pressupostos pedagógicos adotados auxiliam no alcance desses objetivos.

As concepções pedagógicas da EAD tornam-se objeto de estudo deste trabalho, que utiliza procedimentos metodológicos inerentes à pesquisa bibliográfica, de caráter

exploratório, por intermédio de referenciais teóricos extraídos em livros e artigos científicos, com o objetivo de apresentar as diversas teorias, seus principais autores e como elas se aplicam à EAD.

### **Pressupostos pedagógicos da EAD**

Antes de iniciar a apresentação dos pressupostos pedagógicos é preciso entender que algumas das teorias apresentadas não foram produzidas pensando em EAD, a maioria delas inclusive antecede a existência da modalidade, que originou-se em 1728 com o primeiro relato de anúncio de ensino da taquigrafia por correspondência feito pelo professor Caleb Philips no Boston Gazette, dos EUA conforme afirma ABED (2015).

Maia (2016, p. 03) afirma que “é possível observar a contribuição de algumas destas teorias para a aprendizagem em rede, principalmente nessa nova geração do ensino denominada Web 2.0” o que reforça a concepção de que não existe um modelo único para EAD e sim o que melhor se adequa as necessidades do seu público e de sua época.

Para Anderson e Dron (2012 apud Mattar 2014), os pressupostos pedagógicos da EAD são os modelos cognitivo-behaviorista, socioconstrutivista e conectivista, todos abordados a seguir com seus principais pensamentos e teóricos.

### **Modelo Cognitivista-behaviorista**

O modelo cognitivista-behaviorista baseia-se no princípio de que a aprendizagem está localizada apenas na mente do indivíduo. Dá-se uma ênfase ao enfoque comportamental, instrucionista, que considerava o indivíduo sujeito às contingências do meio e o conhecimento como uma cópia dada a partir do mundo externo. Para auxiliar na compreensão, destaca-se o pensamento de Mattar (2014, p. 32) no qual afirma que as pedagogias cognitvo-behavioristas utilizam um modelo de ISD em que os objetivos de aprendizagem estão claramente identificados e declarados e existem à parte do aluno e do contexto de estudo, caracterizando-se pela redução do papel e da importância do professor.

As décadas de 60 e 70, fortemente influenciadas pelos princípios da Administração Taylorista/Fordista influenciou a EAD feita em massa e totalmente instrucional, com objetivo de treinar os cursistas para as necessidades técnicas e específicas do trabalho realizado e cujo

“modelo fordista de produção passou a ser imitado, no processo pedagógico, por essas megainstituições de ensino a distância, essas ‘fábricas de ensinar’ ” afirma Preti (2005, p.30).

Esse modelo se popularizou principalmente pelo seu baixo custo, um número reduzido de professores para um bem maior de alunos, reduzindo, segundo Maia (2016) o papel do professor a elaboração de conteúdo.

Um dos principais teóricos dessa vertente é o psicólogo norte americano Burrhus Frederic Skinner (1904-1990). Em sua teoria o referido autor enfatiza o comportamento (*behavior*, em inglês), afirmando que este precisa ser aprendido por meio do reforço ao comportamento desejado e da punição ao comportamento que se deseja banir. Em 1953, Skinner construiu a primeira máquina pedagógica para possibilitar mais prática em habilidades aprendidas pelos estudantes.

Ogasawara descreve a funcionalidade das máquinas de ensinar ao afirmar que:

[...] essas máquinas deveriam ser colocadas em sala de aula para auxiliar o professor no ensino dos conteúdos. As máquinas são programadas com perguntas de múltipla escolha sobre um determinado assunto, o aluno terá que colocar o botão na casa que corresponde a resposta correta, caso erre, o aluno não poderá passar para a pergunta seguinte. (OGASAWARA, 2009, p. 18).

Skinner reforça que a reprodução mecânica deve ser incentivada, pois esta leva à memorização e assim ao aprendizado. Para Maia (2016) essa ênfase à memorização como forma de aprendizagem praticadas nas máquinas de ensinar assemelha - se às provas realizadas em alguns cursos online em que um banco de questões é montado e utilizado para a elaboração de questionários e o aluno para responde-los precisa recorrer à sua memória, visto que algumas questões podem estar idênticas ao conteúdo disponibilizado. Ao marcar a única opção correta, é dado um feedback automático já programado no sistema para a verificação de aprendizagem.

Apesar de por vezes mal compreendida, autores como Mattar (2014) defendem que a máquina de ensinar já colocava em prática um método de personalização de ambientes virtuais tão explorado por educadores atualmente.

A compreensão de que o homem é um ser em constante desenvolvimento, que afeta o seu ambiente ao passo que também é influenciado pelo mesmo, torna o behaviorismo radical de Skinner fundamento para ações como preparação dos ambientes de aprendizagem, planejamento da educação e sequenciamento de currículos e atividades.

Do modelo behaviorista originou-se a teoria cognitivista que segundo SENAI (2013), baseava-se nas funções do cérebro e em como os modelos computacionais descreviam e testavam a aprendizagem e o pensamento, preocupando-se com elementos como motivação, cognição, memória, linguagem e raciocínio.

O psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), representante do cognitivismo, defendia o uso de metodologias ativas de ensino, ressaltando, entretanto, que as atividades não se reduzem às ações concretas, mas envolvem também o pensar, a reflexão interior e, portanto, abstrata. Nesse sentido, Mattar (2014) afirma que suas ideias podem contribuir para a discussão sobre a interação em ambientes virtuais. Outro aspecto ressaltado por Piaget é a necessidade de se combinar estudo individualizado e em grupo, pois

[...] Os conceitos de desequilíbrio, assimilação, acomodação e equilibração podem ser utilizados com muita propriedade para pensar a aprendizagem em ambientes virtuais, compreendida como um processo de acúmulo e reorganização, por meio da comparação, revisão e construção de novos esquemas de conhecimento. (MATTAR, 2013, p. 36)

No desenvolvimento de um curso é indispensável a busca por formas de promover a aprendizagem colaborativa procurando potencializar estratégias que atendam a essa abordagem da construção do conhecimento e a teoria de Piaget sobre essa construção auxilia também no entendimento sobre como o compartilhamento e a colaboração contribuem para a aprendizagem em EAD.

### **Modelo Socioconstrutivista**

As teorias socioconstrutivistas desenvolveram-se em um contexto em que surgiam as tecnologias de comunicação bidirecional, ou seja, no momento em que se tornaram possíveis a troca de informações e a maior interação entre alunos e professores.

É justamente a interação social a principal característica da pedagogia construtivista, valorizando assim a importância da presença do professor que, segundo SENAI (2013, p. 17), “se torna mais um guia que um instrutor, assumindo o papel essencial de desenhar as atividades de aprendizagem e a estrutura em que essas atividades ocorrem”.

Essa base pedagógica marca a chegada de uma “era pós-industrial” na EAD e a possibilidade do compartilhamento dos saberes por diferentes públicos, como ex alunos, colaboradores e demais interessados.

Como representantes desta corrente vários teóricos podem ser citados, como o psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1980) com contribuições concretas sobre a efetividade das metodologias ativas de ensino envolvendo não só o caráter de ações concretas, mas também da reflexão interior e abstrata de cada indivíduo; e o filósofo americano John Dewey (1859-1952), que defendia a escola como uma forma de vida social, e a participação ativa dos alunos.

Outro pensamento de Dewey que se aproxima dos modelos pedagógicos utilizados em cursos em EAD ainda hoje, é a defesa da independência quase que total do aluno e da redução da importância do professor, não de forma pejorativa como o termo pode soar, porém no sentido de valorização das experiências e do conhecimento deste aluno.

Mas o construtivista mais conhecido e utilizado como referencial teórico para a EAD é Lev Vygotsky (1896-1934).

A principal contribuição de Vygotsky para o pensamento construtivista que serve de pressuposto pedagógico para vários cursos em EAD, que enfatizam a interação social como cerne para a aprendizagem, é a elaboração do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Para Vygotsky (1991) apud Mattar (2014), a ZDP:

é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinada através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1991, p.97).

Essa definição leva-nos ao entendimento de que a aprendizagem ocorrerá, em um primeiro momento orientada com a ajuda do professor e dos colegas também envolvidos no processo de aprendizagem e logo em seguida, individual, com a ação prática do aprendiz, valorizando assim a interação entre os pares. Kensi (2003 apud Burnham *et al*, 2012, p. 146) afirma que “nos processos colaborativos todos dependem de todos para a realização de atividades” e isso conseqüentemente exige um nível muito maior de interação.

### **Modelo Conectivista**

O conectivismo surge com o objetivo de encontrar um modelo pedagógico que atenda as necessidades de ensino-aprendizagem contemporâneas, devido à grande quantidade de informações e ao uso intenso de novas e várias tecnologias digitais.

Para Alves (2011, p. 113) “os saberes, informações e conhecimentos são socializados no nível coletivo (nível intersíquico) e o indivíduo pode dá significado a essas construções

coletivas, internalizando novos saberes (nível intrapsíquico)”. Esta é a grande marca do conectivismo, que surge em um contexto que se convencionou chamar Web 2.0, nome dado à segunda geração da web que inclui ferramentas mais interativas.

Mattar contribui para o entendimento maior sobre Web 2.0 quando nos diz que

a marca da web social ou colaborativa, a Web 2.0, é o uso de tecnologias que são abertas em termos de sua arquitetura de informação, de como elas ligam serviços e, acima de tudo, em permitir que grupos trabalhem juntos, online e para o bem comum. (MATTAR, 2014, p. 70)

A Web 2.0 tem provocado mudanças significativas no ambiente científico. Hoje, é possível assistir a uma aula da popular e renomada Harvard University ativamente e receber certificações de instituições do mundo inteiro devido à principal característica desta geração: a colaboração.

Aprender não é mais um processo inteiramente sob controle do indivíduo, também está em outras pessoas, em uma organização, em conexões externas que potencializam o que podemos aprender e são mais importantes que o que conhecemos agora (MATTAR, 2013).

A aprendizagem em rede é então o objeto do conectivismo, o uso de diferentes formas de contribuição para o conhecimento como plataformas, redes sociais, wikis e os MOOCs, sigla americana para cursos online abertos e massivos, que vem se intensificando desde 2012.

O conectivismo é a tese de que o conhecimento é distribuído por uma rede de conexões e, portanto, que o aprendizado consiste na habilidade de construir e passear por essas redes. O conhecimento, assim, não é adquirido, como se fosse uma coisa, nem transmitido, como se fosse um tipo de comunicação”. (DOWNES, 2011 apud MATTAR, 2014 p. 58)

No conectivismo a ideia do uso de dispositivos midiáticos para a criação de rede de saberes ultrapassa as barreiras relacionadas ao medo do uso das tecnologias na educação, porém conforme afirmam Nunes e Amaral (2013) é necessário agregar valor aos dispositivos oferecidos. Dessa forma, os autores defendem ainda que

sua apropriação deve privilegiar a construção de diferentes estratégias pedagógicas de aprendizagem colaborativa que desafie o aluno a ler, compreender, interpretar, comparar, estabelecer relações de semelhanças e diferenças, experimentar, analisar, sintetizar, sistematizar conceitos inerentes ao processo de aprendizagem, aplicando-os à realidade. (NUNES, AMARAL, 2013, p.12)

Os principais representantes desse modelo são os canadenses George Siemens e Stephen Downes, educadores que realizam estudos nas áreas de educação, aprendizagem e redes, dentre outras.

Segundo FGV/CTAE (2010), Siemens apresentou o conectivismo na ocasião da publicação do texto intitulado “Conectivismo: uma teoria de aprendizagem para a idade digital de 2004”.

Pode-se, então, observar como a vertente conectivista é recente, haja visto o ano dessa relevante publicação e como vem se desenvolvendo em um cenário de colaboração, cooperação e cocriação.

Anderson e Dron (2012) fazem uma importante comparação entre o conectivismo e os pressupostos pedagógicas, anteriormente citadas nesse estudo, afirmando que:

Os artefatos da aprendizagem conectivista são geralmente abertos, acessíveis e persistentes. Assim, a interação em educação a distância move-se para além de consultas individuais com professores (pedagogia CB) e das interações em grupos e limitações dos ambientes virtuais de aprendizagem, associadas à pedagogia construtivista da educação a distância. A presença cognitivista é enriquecida pelas interações periféricas e emergentes em redes, em que ex-alunos, profissionais praticantes e outros professores são capazes de observar, comentar e contribuir para a aprendizagem conectivista. (ANDERSON; DRON, 2012, p.126).

Apesar de existirem outras teorias que procuram se alinhar às mudanças geradas pela Web 2.0, as ideias conectivistas são mais amplamente difundidas e aceitas.

A educação mediada por recursos digitais é uma realidade e conforme afirma Silva (2013, p. 36) “cabe aos educadores se prepararem e estarem atentos para que esse novo contexto possa se fundamentar em concepções pedagógicas adequadas a formação do ser humano e não do homem-máquina resultado da busca insana pelo sucesso econômico”.

O conectivismo lança luz à necessidade constante da formação de professores para a docência online pautada não somente nos conhecimentos técnicos, mas principalmente, nos desafios de romper os paradigmas da mera reprodução e tornar-se mediador, agente empoderador dos seus discentes, estimulando-os a aprender a aprender no cenário da interação e colaboração.

### Considerações Finais

Ao longo desta pesquisa, percebemos a preocupação com a aprendizagem e a busca de diversos autores ao longo de décadas para encontrar o que seria o melhor modelo



pedagógico. Devemos considerar que cada teoria está alicerçada no contexto social e cultural na qual estava imerso. Cabe a nós educadores nos prepararmos e estarmos atentos para que a EAD possa se fundamentar em concepções pedagógicas adequadas à formação do ser humano, pois a não observância dos fundamentos pedagógicos pode reduzir a eficiência dos cursos e torná-los um mero distribuidor de informações.

Independentemente de onde são praticados, se na educação presencial ou na educação a distância, os pressupostos pedagógicos são indispensáveis para traçar os objetivos, caminhos e métodos na relação ensino-aprendizagem.

Pudemos perceber também como as bases pedagógicas clássicas conseguiram quebrar a barreira do tempo, reforçando a ideia de que essas teorias não devem ser consideradas antiquadas e obsoletas, levando em consideração as suas contribuições para a EAD que vivenciamos hoje.

Os modelos coexistem ainda hoje na EAD e são explorados de acordo com as necessidades de aprendizagem, conteúdo e cenário, reforçando assim o papel de como personagens da educação, tornarmos-nos pesquisadores inquietos para a melhoria contínua da mesma

## Referências

ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância). Educação aberta e a distância no Brasil - o estado da arte. In: **ABED 20 anos. A educação a distância no Brasil: presente passado futuro**. São Paulo: Plano B Editorial, 2015.

ALVES, Lynn Rosalina Gama. De Vygotsky à cultura da simulação: a emergência de novas formas de compreender o mundo. In: FELDENS, Dinamara Garcia; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do; BORGES, Fabrícia Teixeira. (Org.). **Formação de professores e processos de aprendizagem: rupturas e continuidades**. Salvador: EDUFBA, 2011.

ANDERSON, Terry; DRON, Jon. Três gerações de pedagogia da educação a distância. In: **Revista científica EAD em foco**. Rio de Janeiro, n. 2, Nov. 2012. Disponível em: <<http://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/162/33>>. Acessado em: 15/12/2014.

BURNHAM, Terezinha Fróes et al. Ambientes virtuais de aprendizagem: o Moodle como espaço multirreferencial de aprendizagem. In: **Formação de professores para a docência online**. Marco Silva (org.). São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FGV. CTAE. **Introdução ao conectivismo**. São Paulo: Equipe CTAE, 08/11/2010. Disponível em: <[http://www5.fgv.br/ctae/publicacoes/Ning/Publicacoes/00-Artigos/Conectivismo/Artigos\\_Conectivismo.pdf](http://www5.fgv.br/ctae/publicacoes/Ning/Publicacoes/00-Artigos/Conectivismo/Artigos_Conectivismo.pdf)>. Acessado em: 12/02/2015.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias educacionais para novas mediações**. 2016. Trabalho apresentado ao 12º Seminário Nacional ABED de Educação a Distância. Aracaju, 2016.

MAIA, Gabrielle. Bases pedagógicas da EAD. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO (SIMEDUC), 7, 2016, Aracaju. **Anais ISSN: 2179-4901**. Aracaju: Universidade Tiradentes.

NUNES, Lina Cardoso. AMARAL, Miriam Maia do. Reflexões críticas sobre as relações entre mídias e processos comunicacionais na tessitura do conhecimento em rede. In: **Boletim técnico do Senac**. Rio de Janeiro, v. 39, n. 2, p. 6 – 25, maio-ago. 2013.

MATTAR, João. **Web 2.0 e redes sociais na educação**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

OGASAWARA, Jenifer Satie Vaz. **O conceito de aprendizagem de Skinner e Vygotsky: um diálogo possível**. Disponível em <<http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-Jenifer-Satie-Vaz-Ogasawara.pdf>>. Acessado em: 05/01/2015.

PRETI, Oreste (Org.). **Educação a distância: sobre discursos e práticas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

RODRIGUES, Cleide Aparecida Carvalho. **Configurações das abordagens pedagógicas da educação a distância**. Disponível em <[http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista\\_PDF\\_Doc/2011/Artigo\\_06.pdf](http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_06.pdf)>. Acessado em: 05/01/2015.

Recebido em 20 de outubro de 2016  
Aceito em 15 de janeiro de 2017